

Rico debate

O professor Affonso Celso Pastore alerta que se as reformas estruturais e a disciplina fiscal forem abandonadas todos os fantasmas que acabamos de exorcizar — ataques especulativos e inflação — voltarão a ameaçar o país. Raul Velloso acha que será impossível atingir as metas do acordo do FMI. Paulo Nogueira Batista pensa que, ao contrário, o país vai superá-las. Reinaldo Gonçalves acha que o Brasil caminha para o colapso político-institucional.

Até o ano passado, o painel de conjuntura do Fórum do Velloso acabava sendo uma repetição enfadonha do mesmo conflito: de um lado os opositores da política cambial, de outro, seus defensores. A crise deste começo de ano tornou o debate bem mais rico, diversificado e surpreendente.

Um primeiro e inevitável ponto de discussão foi a não explosão da inflação. Pastore explicou que o país já vinha em recessão, com o produto contraído pelo impacto de dois choques de juros, o de 97 e o de 98. Mostrou pelos dados de inflação que as margens do varejo se estreitaram mais do que as do atacado. Isto reduziu o coeficiente de transferência inflacionária. O risco de desastre também foi afastado pela ação do Banco Central, que derrubou a taxa de câmbio com a venda de recursos dos empréstimos do FMI, com novas captações e com o aumento da facilidade de entrada de recursos de curto prazo, explicou Pastore.

Paulo Nogueira Batista Jr. atribui o bom resultado a um milagre:

— Como Deus, a equipe econômica escreve certo por linhas tortas.

Edward Amadeo, secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, acha que não houve nada de miraculoso nesta virada. Foi fruto de uma política econômica acertada. Aliás, segundo ele, era acertada inclusive a política cambial anterior que sobrevalorizou o câmbio porque conseguiu o efeito de enfrentar a renitente inflação brasileira. Na crise do começo do ano, o Governo teve a coragem, disse Amadeo, de elevar os juros para combater a inflação e a desconfiança em relação ao Brasil, apesar dos inúmeros analistas que disseram que isto precipitaria uma círculo vicioso que levaria à explosão da dívida.

O professor da UFRJ Reinaldo Gonçalves acha que nada mudou, nada está melhor com a mudança do câmbio. O país permanece com os mesmos problemas que, segundo ele são: as excessivas liberalidades cambial, financeira e comercial que mantêm o país vulnerável a todas as crises externas e com um passivo externo insustentável. Segundo Gonçalves, a classe dirigente está eufórica, mas o país pode estar caminhando para o cenário previsto por Celso Furtado: a moratória interna e externa. Aliás, em outro momento ele previu o colapso político e institucional do Governo.

Num tom menos dramático, Paulo Nogueira Batista defendeu a tese de que é preciso evitar o excesso de volatilidade externa, impondo-se controle sobre o movimento de capitais. Segundo ele, a mídia brasileira não quer discutir o que ele define como permissividade com que se remete dinheiro para fora, porque há uma coligação de interesses nacionais e internacionais que não quer que isto seja discutido.

O pensamento objetivo, centrado e claro do professor Pastore é o melhor remédio con-

tra teses conspiratórias. Para ele, inversamente do que acredita Gonçalves, o Brasil é um país comercialmente muito fechado. Ao contrário da Coreia, que conseguiu uma reversão mais rápida da sua balança comercial e de seu balanço de pagamentos, por jamais ter feito a besteira que o Brasil fez de se fechar com medidas protecionistas. Pastore também fustigou com veemência a receita de controle de capitais:

— O controle na saída de capitais impede a entrada. A Malásia quando fez a sua opção pelo fechamento do mercado aos capitais externos tinha superávit em conta corrente, portanto não é ilustrativo do caminho que o país deva seguir — sentenciou.

A deputada Yeda Crusius, do PSDB, concordou mais com Nogueira Batista. Disse que não só o país tem que discutir medidas de controle do movimento de capitais voláteis, como o Congresso já está discutindo o tema.

O ex-ministro Marcílio Marques Moreira lembrou que o fluxo internacional de capitais voltou a crescer em relação aos países emergentes. Este foi o fator sorte que explica parte da mudança total do quadro brasileiro em alguns meses. Mas segundo Marcílio a crise da mudança do regime cambial não levou à deterioração da situação econômica porque nos últimos anos o setor privado passou por profundas transformações, tornando-se mais eficiente:

— O Brasil real mudou. Há um novo Brasil mais dinâmico, que passou a conviver com a competição, mostrando nos últimos meses uma extraordinária maturidade. E parte desta mudança se refletiu na agricultura.

Raul Velloso apresentou uma simulação sustentando que para atingir as metas do FMI, o Brasil precisa em 2001 gastar com programas do Governo menos da metade do que gastou o ano passado. Para ele, ou o Governo aumenta os impostos, ou rediscute as metas com o FMI.

Numa visão oposta a isto, Nogueira Batista disse que agora que a política cambial foi alterada, o cenário é extraordinariamente positivo.

— O país vai crescer mais, vai arrecadar mais, os juros vão cair mais, e a taxa de câmbio vai ser menor do que se prevê no acordo com o FMI.

Para Pastore, nem o futuro está assegurado nem se deve rever as metas do FMI.

— O Brasil pelos erros passados de política monetária e cambial carrega uma relação dívida/PIB de 50%. Isto é sustentável em outros países que têm dívidas que vencem em dez, 30 anos. No Brasil, a dívida toda vence em 90 dias. O remédio agora é ir alongando esta dívida, mas não no caminho proposto por Celso Furtado, e sim ganhando credibilidade. O que só se conseguirá perseguindo-se com tolerância zero as metas de superávit fiscal. Só assim o país estará livre dos ataques especulativos e da inflação.